

**A ARTE POSTAL COMO RECURSO DE APROXIMAÇÃO, PRODUÇÃO VISUAL E
TEXTUAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Ana Paula Vasconcellos Moreira¹

Paulo Henrique Vieira de Souza²)

95

Este relato descreve uma proposta de prática pedagógica envolvendo a troca de postais entre estudantes de 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio respectivamente, desenvolvido por meio de uma sequência didática de sete aulas. A proposta aconteceu simultaneamente em duas escolas; uma escola pública na região administrativa de São Sebastião e uma escola particular no Plano Piloto, ambas no Distrito Federal. O relato procura discutir criticamente a noção de ensino e aprendizagem nos componentes de artes visuais e língua portuguesa, além das relações sociais que envolvem as duas escolas e suas particularidades.

Resguardando as especificidades dos conteúdos de cada componente curricular e no sentido de se pensar sobre a função social das produções artísticas textuais e visuais, propusemos que a sequência fosse organizada da seguinte forma:

1º aula: apresentação e discussão sobre o gênero textual cartão postal;

2º aula: apresentação e discussão acerca da produção do artista Paulo Brusky;

3º aula: apresentação e discussão da produção fotográfica do artista Julian Germain e proposta de produção;

¹ Ana Paula Vasconcellos Moreira; licenciada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em arte no PPG-Arte UnB na linha de pesquisa Educação em Artes Visuais.

² Paulo Henrique Vieira de Souza; licenciado em Letras pela Universidade Católica de Brasília (UCB), mestre em literatura pela Universidade de Brasília (Pós-Lit, UnB) e doutorando em literatura no Pós-Lit, UnB.

4º e 5º aulas: produção de cartões postais;

6º aula: leitura dos cartões recebidos em sala de aula;

7º aula: avaliação coletiva do trabalho.

Pressupostos teóricos

O ensino-aprendizagem de habilidades linguísticas no ensino básico brasileiro está balizado pela prática dos gêneros textuais (BRASIL, 1998). A mudança da perspectiva fraseológica, vigente durante a maior parte do ensino brasileiro, para uma visão do texto como unidade está adequada ao padrão internacional de estudos de aquisição de competências linguística, especialmente a Bakhtin, de onde compreende-se o caráter dialógico da língua, portanto, seu caráter contextual (BAKHTIN: 1992, 1997).

Na melhor adequação aos termos brasileiros, Marcuschi (2008) observa quanto o ensino baseado na lógica frasal era ineficiente para a formação de um leitor-escritor-falante eficiente para desenvolver-se nos diversos âmbitos sociais de maneira autônoma e crítica. Assim, o professor propõe um ensino desassociado das antigas repetições de estruturas para aqueles que visam a prática eficiente da linguagem em seu contexto de uso, ou ao menos, o mais próximo possível desse contexto.

Aqui, poderíamos abrir uma longa discussão sobre o tema que, como em diversos outros casos referentes à prática pedagógica, apesar do desenvolvimento em nível teórico, sofre de graves distorções quando de sua colocada em sala de aula. Desviando-nos dessa tarefa, visto que não é o nosso objetivo aqui, registramos apenas a nossa interpretação quanto ao modo como o estudo de gêneros textuais pode contribuir para o avanço do ensino-aprendizagem de competências e habilidades linguísticas diversas em sala de aula.

Baseados em Marcuschi (2008), entendemos que o estudo da língua deve ser realizado em situações reais de seu uso e, quando isto for impossível, em simulações o mais efetivas possível³. Assim, o estudo dos gêneros deixa de ser apenas terminológico, ganhando materialidade nos processos de comunicação e tornando o uso de habilidades linguísticas necessário em determinado momento.

Acreditamos que o primeiro objetivo alcançado pelo projeto por nós realizado foi este: sem utilizarmos terminologias técnicas (gênero, tipo etc), apresentamos aos estudantes um gênero pouco praticado, mas que ainda guarda sua função social, especialmente entre classes mais abastadas – o cartão postal.

Relato do desenvolvimento da sequência didática

Demonstrado a princípio enquanto gênero utilitário, chamou-se atenção inicialmente à sua utilização mais comum, ou seja, a de texto que relata lembrança ou notícia de uma viagem a alguém a quem se tem algum afeto. Além da apresentação e compartilhamento de experiências em torno do cartão postal, exibimos uma série de postais de nosso acervo, repletos de nossas vivências pessoais. Neste processo de apreciação dos postais recebidos, aos poucos chamávamos atenção à íntima relação entre o texto escrito, a imagem do cartão e a experiência relatada.

Em nível técnico, podemos dizer que demonstrávamos a especificidade do gênero (sucinto, informal, subjetivo, narrativo/descritivo, fortemente ancorado na função emotiva da linguagem e, especialmente, dependente da imagem, que a um só tempo é motivo, essência e complemento das informações veiculadas pelo texto); fazíamos a aproximação entre aquele texto e sua experiência pessoal (perguntando quem já havia enviado ou recebido postais, ou a

³ Outra discussão à qual nos damos o direito de fugir é a do estudo de gêneros que precisam ser abordados em sala de aula por imposição curricular, mas não fazem parte do mundo vivenciado pelo estudante.

que outro gênero cada estudante achava aquele semelhante; ou compartilhando o que sentiam diante de cada imagem e texto) e despertávamos, dentro do possível, a curiosidade para as possibilidades afetivas desencadeadas pela troca de cartões postais.

Da conversa estabelecida em sala de aula, notou-se que mais potente era o postal que veiculava uma boa imagem junto a um bom texto⁴.

Este foi o gatilho para a discussão da aula seguinte: a relação entre a imagem e o texto era sempre designada pela imagem e pelo momento em que cartões postais geralmente são utilizados: viagens ou datas festivas. Com um breve momento de reflexão, estudantes e professores chegaram à ideia de que tal imposição poderia ser superada se, ao invés de comprarmos postais, pudéssemos produzi-los, pois, além de uma adequação perfeita entre texto, imagem e experiências a serem expressas, poderíamos ter uma gama maior de assuntos tratados nesse suporte.

Este foi o momento da introdução da ideia de arte postal.

Restringimo-nos a observar a produção do artista brasileiro Paulo Brusky. Iniciamos pela discussão das condições políticas e sociais do período da ditadura militar brasileira, dando ênfase à restrição da liberdade em âmbitos diversos, inclusive o da arte, para então dizer da saída encontrada por Brusky, que se utilizou da arte postal devido a dificuldade encontrada pela vigilância para realizar censura no conteúdo veiculado via postal.

A apreciação dos trabalhos de Brusky e a discussão a seu respeito funcionaram como ampliação de conhecimento histórico sobre um período crucial para a compreensão do presente, serviu para discutir os limites do que pode ser considerado como arte, a diversidade de suportes e a potencialidade de produções fora do padrão industrial

⁴ A ideia de “bom texto” aqui está baseada na formulação dos estudantes, portanto, não pretendemos aprofundar a discussão sobre adequação para além daquela constituída em sala de aula, pelo saber coletivo.

ou museológico da arte. Além de tudo isso, acreditamos ter alcançado o objetivo mais imediato, apresentar a arte postal como uma possibilidade infinitamente múltipla e, especialmente, ao seu alcance de qualquer interessado.

Na aula seguinte, realizamos, finalmente a proposta de produção: criarmos, os nossos cartões-postais artísticos. Para tanto apresentamos a proposta de tema sobre a qual mais tínhamos propriedade para falar: a vida escolar, uma das principais atividades da vida de pessoas que se encontram em salas de aulas. Assim, para desencadear ideias, exibimos a série de Julian Germain, *Classroom Portraits*, sobre a qual realizamos breves discussões, dando ênfase à diversidade existente entre escolas e ao modo como o artista consegue captar por meio de artifícios visuais esse dado.

Depois de instigar os estudantes a comunicar o que havia de particular e diferente em sua realidade escolar, em seu dia a dia, incentivamo-los a produzir cartões postais para estudantes da outra escola, a relatar aquilo que havia de mais destacável em sua experiência.

Durante a realização da atividade, que durou duas aulas em cada turma, observamos alguns fatos de interesse:

- a) devido a haver um destinatário real aumentou-se consideravelmente o interesse na realização da atividade a ponto de sua realização dar-se quase completamente, sem caráter de obrigatoriedade;
- b) a formulação de uma visão sobre a sua realidade escolar significou empoderamento e criação de afeto para com a sua realidade, por mais que em muitos casos os relatos viessem repletos de críticas;
- c) criou-se uma curiosidade frente à resposta e ao mundo ao qual suas correspondências chegariam.

Após troca das correspondências, realizada pelos professores envolvidos no trabalho, realizamos uma avaliação prévia dos postais a serem entregues, excluindo os poucos casos em que percebemos descompromisso na realização e então realizamos uma aula de leitura coletiva dos cartões recebidos. Cada estudante recebeu um cartão aleatoriamente, tendo um tempo de leitura individual e apreciação. Depois, cada um fez uma breve apresentação do cartão recebido, mostrando a composição visual aos demais colegas (sentados em círculo) e lendo a mensagem recebida.

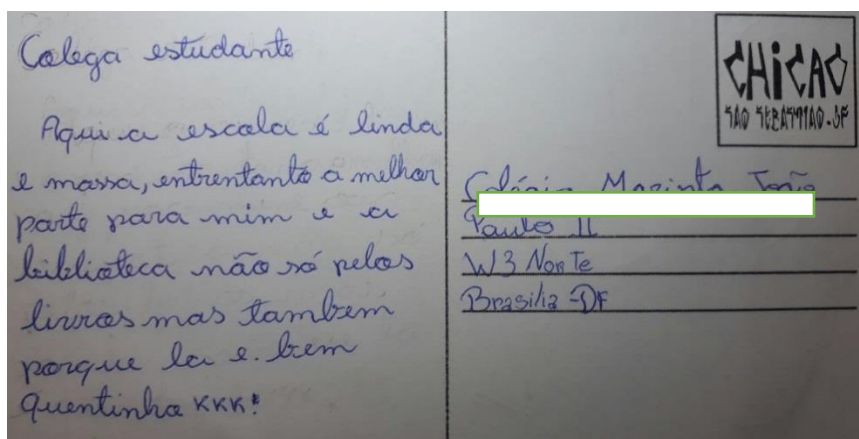
Este momento extremamente prazeroso durou duas aulas e contou com o comprometimento e atenção geral, com breves momentos de desatenção causados pela excitação proveniente de um ou outro comentário mais ousado, cômico, ácido, etc. encontrado nas leituras.

Por fim, ao término da atividade, orientamos que caso os estudantes quisessem guardar os postais, que os levassem para casa e os dessem a devida atenção, caso contrário, que nos devolvessem. Grande foi a nossa surpresa ao constatar que a maior parte dos estudantes não se interessou em ficar com os cartões. Cerca de 80% deles foram devolvidos.

Conclusões

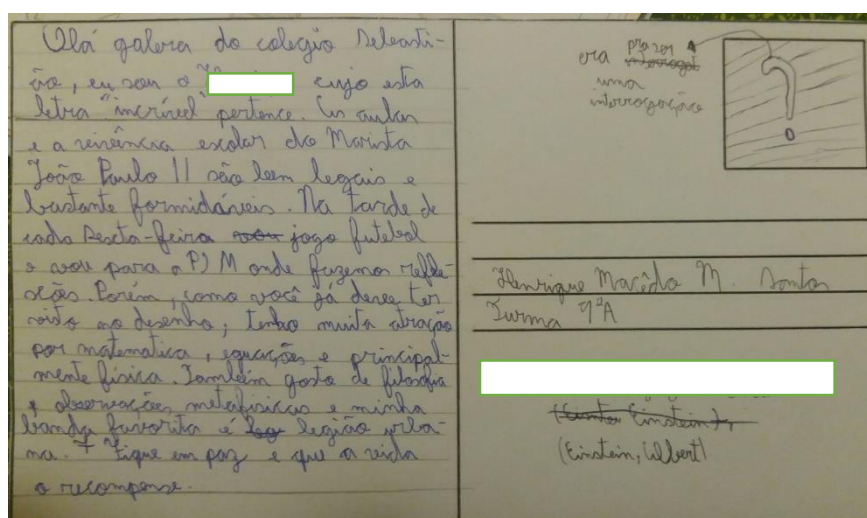
Apesar do desinteresse pelo produto final (o que consideramos um fator importante para reflexão) o envolvimento durante o processo e, mesmo, a qualidade artística das produções nos fizeram considerar esta sequência didática um sucesso.

Entendemos que, do ponto de vista da produção de textos, cumprimos o objetivo preconizado nos PCN ao trabalhar a linguagem em uso prático, conforme se observa nos exemplos a seguir:





Produção de estudante do 1º ano do Ensino Médio do CED São Francisco, São Sebastião - DF



Produção de estudante do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio

Marista João Paulo II, Brasília - DF

Entretanto, do ponto de vista do componente curricular de Artes, acreditamos ter ido além.

Ao refletir sobre a cultura visual, Fernando Hernandez (2000) questiona sistematicamente a organização do currículo em disciplinas fragmentadas dando a entender que a vivência da cultura visual deve perpassar o conhecimento como um todo, estando integrado por projetos de trabalho em que os estudantes sejam atores de seu

conhecimento e em que as habilidades de produção e interpretação visual interajam com os demais conhecimentos produzindo avanço efetivo no processo de aprendizagem.

Entendemos que no caso da sequência didática que apresentamos, esse princípio foi tão preponderante que não somos capazes de dizer a que componente curricular o projeto está mais intimamente ligado. De fato, este é um projeto da área de linguagens e códigos em que o conhecimento não é entendido de maneira fragmentada, pois é participante da vida, onde os acontecimentos nos tomam (professores e estudantes) enquanto todo.

Além disso, ao longo do processo, temas transversais como ética e pluralidade cultural foram constantes, mantendo o trabalho vinculado ao respeito pela diversidade (preconizado nos PCN, lei 10639/03, tanto no âmbito do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa quanto das Artes Visuais), fazendo deste item o seu grande objetivo final.

Observamos que, enquanto processo, além do contato com o gênero textual cartão postal, com a modalidade artística da arte postal e com a produção de artistas significativos tais quais Julian Germain e Paulo Bruscky, a sequência didática permitiu a formalização de uma visão sobre a sua própria realidade e, especialmente, o desenvolvimento de um interesse verdadeiro pelo outro, aquele a quem o postal chegaria.

Chamamos atenção ainda ao fato de que a materialidade do cartão postal permitiu a demonstração de que o espaço da confecção manual ainda está preservado para a expressão de certas modalidades impossíveis por vias virtuais formatadas, como as diversas redes sociais às quais os estudantes têm acesso massivo cotidianamente. Assim, acreditamos ter tocado, ao menos discretamente, o núcleo que mantém a função da instituição escolar viva, ou seja, a ampliação do acesso de todos, indiscriminadamente, às diversas formulações elaboradas pela humanidade ao longo de nosso desenvolvimento enquanto gênero para que possamos manter viva a esperança em um mundo mais justo e solidário.

Referências bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.